



ESCOLA DA FÉ

ANO PASTORAL 2019/2020

O SACRAMENTO DO BAPTISMO

Padre Emanuel Brandão

III. Inseridos em Cristo: os ritos de acolhimento

Sobressai o significado do Batismo claramente da sua celebração, considerando os gestos e as palavras da liturgia, podemos compreender a graça e o compromisso deste Sacramento, que deve ser sempre redescoberto. Fazemos memória dela na aspersion com a água benta, que se pode realizar no domingo, no início da Missa, assim como na renovação das promessas batismais, durante a Vigília pascal. Com efeito, quanto se verifica na celebração do Batismo suscita uma dinâmica espiritual que atravessa toda a vida dos batizados; é o início de um processo que nos permite viver unidos a Cristo na Igreja. Portanto, regressar à nascente da vida cristã leva-nos a compreender melhor o dom recebido no dia do nosso Batismo e a renovar o compromisso de lhe corresponder na condição em que estamos hoje. Renovar o compromisso, compreender melhor este dom, que é o Batismo, e recordar o dia do nosso Batismo. Porque o Batismo é um renascimento, é como se fosse o segundo aniversário.

Ritos do Acolhimento

Começamos a análise da celebração do Batismo pelos ritos de acolhimento, que simbolizam o acolhimento de novos elementos no seio da comunidade cristã. O Batismo é de facto a porta de entrada na Igreja. Iremos realçar três momentos: o dar o nome, o compromisso dos pais e padrinhos e a signação: o sinal da cruz.

1. Dar o nome

Antes de mais é necessário perguntar: o que é, afinal, um nome? Podemos dizer que existe uma diferença fundamental entre a intenção visada por um conceito e a intenção envolvida no nome. O conceito visa conhecer a essência da coisa, ou seja, como ela é em si. O nome, pelo contrário, não pergunta pela essência das coisas; o nome quer fazer com que a coisa seja invocável, de modo que se possa estabelecer uma relação com ela. Não é que o nome não deva indicar a própria coisa, mas tem em vista uma finalidade: colocá-la em relação comigo, para que se me torne acessível. Por exemplo: o simples facto de alguém se enquadrar no conceito de «ser humano» não me fornece elementos suficientes para estabelecer relação com ele. É só pelo nome que posso abordá-lo; por meio do nome, o outro entra na estrutura das minhas relações humanas, a ponto de eu poder chamá-lo. O nome significa e cria, portanto, entrosamento e inclusão na estrutura das relações sociais. Quem é visto apenas como um número é excluído da rede de relações humanas.

Porque o nome indica a identidade da pessoa, no rito de acolhimento pergunta-se qual é o nome do candidato. E, de facto, quando nos apresentamos, dizemos imediatamente o nosso nome: “Chamo-me assim”, para sair do anonimato; anónimo é quem não tem um nome. Para sair do anonimato dizemos imediatamente o nosso nome. Sem um nome permanecemos desconhecidos, sem direitos nem deveres. Para Deus não somos um número, mas Alguém a quem Deus chama pelo nome, amando-nos individualmente, na realidade da nossa história. O Batismo acende a vocação pessoal a viver como cristão, que se desenvolverá durante a vida inteira. E comporta uma resposta pessoal, não emprestada, com um “copia e cola”. Com efeito, a vida cristã é tecida com uma série de chamadas e respostas: Deus continua a pronunciar o nosso nome ao longo dos anos, fazendo ressoar de muitas maneiras a sua chamada a nos conformarmos com o seu Filho Jesus. Portanto, o

nome é importante! É muito importante! Os pais pensam no nome que darão ao filho já antes do nascimento: também isto faz parte da espera de um filho que, no próprio nome terá a sua identidade original, inclusive para a vida cristã ligada a Deus.

2. Compromisso dos pais e padrinhos

Sem dúvida, tornar-se cristão é um dom que vem do alto (cf. Jo 3, 3-8). A fé não se pode comprar, mas sim pedir e receber como dom. “Senhor, concedei-me o dom da fé!”, é uma bonita oração! “Que eu tenha fé!” é uma bonita prece. Pedi-la como dom, mas não se pode comprá-la, pede-se. Com efeito, «o Batismo é o sacramento daquela fé, com a qual os homens, iluminados pela graça do Espírito Santo, respondem ao Evangelho de Cristo» (Rito do Batismo das Crianças, Introdução geral, n. 3). A formação dos catecúmenos e a preparação dos pais, assim como a escuta da Palavra de Deus na própria celebração do Batismo, tendem a suscitar e a despertar uma fé sincera, em resposta ao Evangelho. Se os catecúmenos adultos manifestam pessoalmente aquilo que desejam receber como dom da Igreja, as crianças são apresentadas pelos pais, com os padrinhos. O diálogo com eles permite que expressem a vontade de que os pequenos recebam o Batismo e, à Igreja, a intenção de o celebrar. Expressa também a vontade firme de educar na fé a criança que é batizada.

3. Signação – o sinal da cruz

Fazemos com frequência o sinal da cruz ou outros fazem sobre nós, como no Batismo, na Confirmação, na Penitência ou nas bênçãos. É um gesto simples, mas com muito significado. O sinal da cruz é uma espécie de confissão da nossa fé: Deus salvou-nos na cruz de Cristo. Ao fazer o sinal da cruz é como disséssemos: estou batizado, pertenço a Cristo, Ele é o meu Salvador, a cruz de Cristo é a origem e a razão de ser da minha vida cristã. Cristo foi o primeiro a fazer o

sinal da cruz ao estender os seus braços na cruz. Na celebrações litúrgicas existem muitos momentos em que o sinal da cruz tem especial sentido: na Eucaristia fazemos o sinal da cruz no início, antes de escutar o evangelho e no final; na Liturgia das Horas, no início e antes do cântico evangélico; na Penitência, o sacerdote faz o sinal da cruz sobre o penitente na absolvição e o penitente faz em si próprio ao receber a absolvição; na Confirmação o bispo traça o sinal da cruz com o óleo do crisma na fronte do confirmando; nas bênçãos das coisas e das pessoas; no Batismo, o celebrante, os pais e os padrinhos traçam na testa das crianças o sinal da cruz. «O sinal da cruz... manifesta a marca de Cristo impressa naquele que vai passar a pertencer-lhe e significa a graça da redenção que Cristo nos adquiriu pela sua cruz» (Catecismo da Igreja Católica, n. 1.235). Por isso, sempre que fazemos o sinal da Cruz estamos fazendo memória do batismo. Feito com fé, este gesto é sinal de que o que começou no batismo, a vida em comunhão com Cristo, continua a desenvolver-se a crescer. Os seus filhos também são filhos de Deus, pertencem a Cristo. As nossas crianças sabem fazer bem o sinal da cruz? Os pais, mães, avôs, avós, padrinhos e madrinhas, devem ensinar a fazer bem o sinal da cruz, porque isto significa repetir o que se fez no Batismo. Se o aprenderem desde a infância, fá-lo-ão bem mais tarde, quando forem adultos.

A cruz é o distintivo que manifesta quem somos: o nosso falar, pensar, olhar e agir estão sob o sinal da cruz, ou seja, sob o sinal do amor de Jesus até ao fim. As crianças são marcadas na testa. Os catecúmenos adultos são marcados também nos sentidos, com estas palavras: «Recebei o sinal da cruz nos ouvidos, para ouvir a voz do Senhor»; «nos olhos, para ver o esplendor da face de Deus»; «nos lábios, para responder à palavra de Deus»; «no peito, para que Cristo habite nos vossos corações mediante a fé»; «nos ombros, para sustentar o jugo suave de Cristo» (Rito da iniciação cristã dos adultos, n. 85).

Tornamo-nos cristãos na medida em que a cruz se imprime em nós como uma marca “pascal” (cf. Ap 14, 1; 22, 4), tornando visível,

inclusive exteriormente, o modo cristão de enfrentar a vida. Fazer o sinal da cruz quando acordamos, antes das refeições, diante de um perigo, em defesa contra o mal, à noite antes de dormir, significa dizer a nós mesmos e aos outros a quem pertencemos, quem desejamos ser. Por isso é muito importante ensinar as crianças a fazer bem o sinal da cruz.

E, como fazemos ao entrar na igreja, podemos fazê-lo também em casa, conservando num pequeno vaso adequado um pouco de água benta — algumas famílias fazem-no: assim, cada vez que entramos ou saímos, fazendo o sinal da cruz com aquela água recordamo-nos que somos batizados. Não vos esqueçais, repito: ensinaí as crianças a fazer o sinal da cruz!